

**CORPO A CORPO – REFLEXÕES SOBRE UMA ETNOGRAFIA
IMPRÓPRIA**

BODY TO BODY – REFLECTIONS ON IMPROPER ETHNOGRAPHY

Camilo Albuquerque de BRAZ¹

RESUMO

Neste artigo pretendo refletir sobre minha experiência etnográfica em clubes de sexo entre homens na cidade de São Paulo. A pesquisa antropológica tem sido repensada nas últimas décadas a partir do questionamento de paradigmas que afirmavam a necessidade do distanciamento e da objetividade para a obtenção de resultados ditos científicos. Maneiras diversas para escapar a esses dilemas envolvem desde a indagação da autoridade etnográfica, bem como do comportamento dos/as antropólogo/as em campo, até reflexões sobre os modos de interpretação das realidades estudadas. Pesquisas realizadas no campo da sexualidade demandam reflexões acerca dessa temática, ainda mais quando se trata de indagar sobre o campo do sexo, ou o sexo no campo. Meu objetivo aqui é pensar nessas questões, tendo como ponto de partida as expectativas criadas a partir de minha presença nesses locais enquanto antropólogo, seja sobre mim, seja sobre os sujeitos que observo e com quem dialogo.

PALAVRAS-CHAVE-Homossexualidade.-Masculinidade-Fetiche-Etnografia-Subjetividade-Gênero

ABSTRACT

In this article I aim at reflecting about my ethnographic experience at sex clubs in the city of São Paulo. Anthropological research has over the last decades been reconsidered through questioning paradigms that state the need for distancing and objectivity so as to obtain results called scientific. Different manners to evade these dilemmas range from the inquiry of the ethnographic authority and of anthropologists' behavior in field to pondering about ways to interpret the realities studied. Researches in the realm of sexuality call for reflections about this topic, especially when one considers the field of sex or sex in field. My aim is to take these matters into account, starting discussion at the expectations stemming from my presence as an anthropologist in these clubs, may they be referring to me or to the subjects that I observe and with whom I converse.

KEY WORDS: Homosexuality-Masculinity-Fetishism-Ethnography-Subjectivity-Gender

¹ Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Doutorando em Ciências Sociais na área de Estudos de Gênero
camilo_braz@yahoo.com.br

INTRODUÇÃO

“Logo que cheguei, guardei minhas roupas e, apenas de cueca e tênis, fui até o bar e pedi uma coca-cola. Enquanto conversava com o barman, chegou um rapaz de cueca branca, que cumprimentou o funcionário como um velho conhecido. Puxei papo com ele mais tarde, quando ele foi buscar uma camisa no armário. Perguntei-lhe se era permitido ficar de camiseta, pois o traje obrigatório era sunga ou cueca. Ele disse que sim, pois estava frio. De qualquer modo, já era “conhecido” da casa e ninguém reclamaria com ele. Fazia frio mesmo e eu não agüentava mais ficar só de cueca, então peguei minha camiseta também. Ficamos conversando sentados nos banquinhos da sala da mesa de sinucas. Ele perguntou se era minha primeira vez lá e eu disse que sim. Perguntou de onde eu era e eu respondi que era de Campinas. Ficamos conversando sobre os locais gays de Campinas e São Paulo. Perguntei se ele conhecia mais locais de sexo e ele riu. Disse que não. Que só ia lá mesmo. E que quando vai até lá e conhece alguém legal, “assim como eu”, costuma ficar a noite toda só com aquela pessoa. Percebi que ele estava me cantando nessa hora, e pensei em já abrir o jogo, contando que eu estava ali fazendo uma pesquisa. Mas ele quis me mostrar o resto da casa, e me levou até o saguão. No local onde ficam os mictórios, me abordou diretamente. Disse que havia gostado de mim e perguntou se eu não queria ficar com ele. Eu disse que estava ali só para olhar e, antes que eu prosseguisse, ele baixou a cueca e me mostrou seu pênis. Disse que se eu gostava de olhar, ele poderia se masturbar para eu ver. Eu fiquei sem reação e pensei: “ferrou”. Então contei que era antropólogo, e expliquei para ele sobre minha pesquisa. Ele ficou perplexo e por fim, rindo, me perguntou se, afinal, isso impedia que a gente transasse”.

Venho realizando uma pesquisa etnográfica em quatro clubes de sexo para homens na cidade de São Paulo². Dois deles estão localizados na região central e dois em bairros de classe média alta.

O propósito analítico da escolha desses locais e práticas para a investigação está relacionado, por um lado, ao meu interesse em discutir e trazer elementos empíricos para a reflexão e os debates sócio-antropológicos sobre temas relacionados à sexualidade, às novas formas de erotismo e sociabilidade nelas envolvidas e suas convenções, contribuindo para suprir as lacunas derivadas da relativa escassez de estudos sobre prazer sexual, erotismo e desejo

² Este artigo é um resultado preliminar da pesquisa de Doutorado em Ciências Sociais que venho realizando no Instituto de Filosofia e Ciências Humanas (IFCH) da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), sob orientação da professora Maria Filomena Gregori (Núcleo de Estudos de Gênero (PAGU)/ IFCH), financiada pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES).

sexual, envolvendo formas diversas de expressão da sexualidade³. Por outro lado, a escolha desse objeto de estudos relaciona-se com a possível rearticulação ou atualização das convenções de sexo, gênero, corporalidade e sexualidade por parte dos seus sujeitos (BRAZ, 2007a).

Além da pesquisa nos clubes, onde procuro tanto observar o cotidiano quanto conversar com seus frequentadores, funcionários e proprietários, minha investigação se dá também na e por meio da Internet. Investigo as páginas desses locais, coletando materiais diversos, relativos às festas promovidas ou às “regras de conduta” de cada espaço. Criei também um perfil no Orkut⁴ explicando meus propósitos e pedindo voluntários, por meio de mensagens deixadas em comunidades relacionadas a este universo. Tenho conseguido conversar e entrevistar muitos homens via comunicador instantâneo (MSN), o que tem se mostrado um modo bastante interessante de aprender mais não apenas sobre os clubes, mas também sobre outros espaços onde homens buscam sexo com outros homens na cidade.

“Mas agora confessa: como você se comporta lá dentro?” Perguntas como essa têm me perseguido nos últimos meses. Algumas vezes, chego a ser indagado diretamente se pratico ou não sexo em campo. Sobretudo, quando sou abordado diretamente por alguém dentro dos clubes. Em outros momentos, a dúvida é posta de maneira indireta: são questões sobre o que me leva, “no fundo”, a estudar esses clubes, ou ainda sobre “o meu verdadeiro interesse” nesse universo de práticas erótico-sexuais. Essas indagações surgem tanto “em campo” (e aqui me refiro não apenas aos clubes, mas ao Orkut e ao MSN) quanto em conversas com amigos/as, não raro colegas de disciplina. Enunciada de diferentes modos, por diversos sujeitos, em diferentes contextos, uma reação recorrente à minha investigação é, assim, um ar de desconfiança quanto ao meu “real” interesse pelo campo e meu “verdadeiro” comportamento nele. No início, essas perguntas me irritavam, sobretudo quando ganhavam a coloração de chistes mal intencionados. A idéia para o presente trabalho nasceu quando decidi transformar esse incômodo em questão de pesquisa. Tendo em vista que a curiosidade sobre meu suposto envolvimento sexual com os sujeitos dessa investigação surge no “campo” e também fora dele, talvez algumas problematizações em torno dela me ajudem a construir algumas interpretações antropológicas do “campo”, de fora dele e, quem sabe, da própria antropologia e do “fazer etnográfico”.

3 Num panorama das pesquisas brasileiras em Ciências Sociais relativas a sexualidades e direitos sexuais no período de 1990 a 2002, publicado pelo Centro Latino-Americano em Sexualidade e Direitos Humanos (CLAM), aponta-se uma ausência relativa de estudos sobre o erotismo, o prazer e o desejo sexual masculino e feminino, em comparação a um grande número de publicações em outras áreas, tais como sexualidade e juventude, sexualidades em tempos de AIDS ou prostituição, ver CITELI, 2005. Sobre a problemática dos direitos e políticas sexuais no Brasil, ver também VIANNA e LACERDA, 2004.

4 Rede virtual para contatos eletrônicos que se transformou em “febre” no Brasil. Criei um perfil intitulado “Antropólogo Unicamp”, onde descrevo brevemente do que se trata essa pesquisa.

CONTEXTUALIZANDO: ENTRE GUETOS, MERCADOS E CIRCUITOS

De acordo com Green e Trindade, a região do centro de São Paulo, sobretudo nas proximidades do Vale do Anhangabaú e da Praça da República, constitui um local historicamente freqüentado por homossexuais (GREEN e TRINDADE, 2005). MacRae inclui nessa lista o entorno da avenida Ipiranga (MACRAE, 2005), enquanto Simões e França lembram da famosa avenida Vieira de Carvalho (SIMÕES e FRANÇA, 2005). De acordo com essa produção, antes da criação de um mercado comercial voltado para esse público em meados dos anos 60, as trocas homossexuais se davam em bailes carnavalescos, pela prática do *footing* em parques, praças, bem como pelas “caçadas” em banheiros públicos, cafés e restaurantes, que abarcavam a sociabilidade dos homens que buscavam outros homens, embora aqueles de camadas mais elevadas preferissem festas particulares e jantares em casas e apartamentos de amigos.

É na década de 1960 que são abertas em São Paulo algumas boates declaradamente destinadas a um cliente homossexual de classe média, “que procurava locais de encontro onde houvesse maior segurança contra ataques policiais ou de bandidos” (MACRAE, 2005: p. 292). O número de estabelecimentos, tais como saunas e boates, cresce nas décadas seguintes. No final da década de 70, uma passeata de protesto contra a “Operação Rondão”, que visava, de acordo com os movimentos de militância, limpar o centro da cidade da presença indesejada desse público, reuniu grupos homossexuais, feministas, além do Movimento Negro Unificado, levando às ruas quase mil participantes. Depois da abertura política, cresce o número de estabelecimentos do chamado “mercado gay” (MACRAE, 2005). A palavra “gay” para se referir a esse público é “importada” nos anos 80. Segundo MacRae, “a origem anglo-saxônica empresta-lhe um *glamour* de coisa de país desenvolvido”. O autor nomeia tal movimento como de formação de um “gueto homossexual” no centro de São Paulo, enfatizando sua dimensão política e cultural, no sentido de ocupação de um “espaço público” por parte de sujeitos marginalizados. Simões e França nos lembram que o caso paradigmático para se pensar num gueto homossexual é a cidade de São Francisco, nos Estados Unidos. Lá ele constituiria um território delimitado por uma forma específica de ocupação e utilização, sendo inclusive local de moradia desse público. Em São Paulo, esse processo teria mais a ver com os deslocamentos dos sujeitos por lugares em que se exercem atividades relacionadas à orientação e à prática homossexual (SIMÕES e FRANÇA, 2005). A referência aqui é o trabalho de Perlongher, que critica a transposição mecânica da noção de “gueto gay” (que implicaria na universalização da política de identidade gay), para São Paulo, preferindo em seu lugar uma caracterização sócio-antropológica das territorialidades homossexuais na cidade (PERLONGHER, 2005). Simões e França afirmam que há diferentes “guetos” (entre aspas) em São Paulo hoje em dia,

diferenciados pelas regiões da cidade. Seus sujeitos seriam agrupáveis não só pela orientação sexual, mas por sexo, poder de consumo, “estilo”, pelo modo a partir do qual expressam suas preferências sexuais etc. Por isso, para os autores, é melhor usar as categorias propostas por Magnani, como “manchas” e “circuitos”, que procuram dar conta da lógica de implantação e utilização de aglomerados de estabelecimentos e serviços na paisagem urbana, em diálogo com concepções renovadas de territorialidades itinerantes e flexíveis (MAGNANI e TORRES, 2000). França aponta para a crescente importância do mercado na promoção e difusão de imagens, estilos corporais, hábitos e atitudes associados à política de identidades e às emergentes culturas identitárias homossexuais na atualidade (FRANÇA, 2007). Os “guetos” se expandem, chegando até à realidade virtual. É nesse contexto que surge a categoria GLS (gays, lésbicas e simpatizantes), propagado a partir do Festival MixBrasil de 1994, que incluía uma página de Internet e um festival de cinema alternativo, voltados para esse público emergente (ver FRANÇA, 2006). Esse movimento contribuiu para a diluição das fronteiras do que se poderia antes chamar de “guetos”, embora, para os autores, sua ênfase mercantil tenha levado a outros processos de diferenciação por parte de outros grupos, tais como os de militância, que ao invés da sigla GLS, passam a se denominar de outras formas.⁵ Para Carrara e Simões, a atual sigla que nomeia o movimento GLBT (gays, lésbicas, bissexuais, travestis e transexuais) entra em diálogo crítico com a GLS (“gays, lésbicas e simpatizantes”), advinda do mercado segmentado, “que reelaborava a ambigüidade classificatória para ampliar o potencial de inclusão” (CARRARA e SIMÕES, 2007: 93).⁶

É possível, portanto, localizar os clubes que investigo dentro das diferentes manchas ou circuitos que compõem o vasto “mercado homossexual” paulistano. Uma questão que me coloco é se não é possível, dentro dele, circunscrever uma gama variada de estabelecimentos e serviços diretamente ligados às práticas sexuais.

⁵ Para França, GLS passou desde então a ser associada a um estilo “moderno e descolado”, caracterizando um público de alto poder aquisitivo e capital simbólico distintivo: “Quando surgiu, o termo GLS foi rapidamente associado a um público “moderno”, interessado por arte, música, conectado à última moda e freqüentador da noite” (FRANÇA, 2007: 236). Se no início os autores da sigla pretendiam uma diferenciação entre estabelecimentos “GLS” e “gays”, o fato é que a sigla GLS popularizou-se a tal ponto que hoje em dia é bastante comum que se utilizem os dois termos como sinônimos para se referir a esse mercado (FRANÇA, 2007).

⁶ Tal diálogo crítico se dá também, para os autores, em relação à denominação HSH (homens que fazem sexo com homens), que surgiu nas políticas de saúde e que, do seu ponto de vista buscava equivocadamente “contornar o problema da falta de coincidência entre comportamentos e identidades sexuais” (CARRARA e SIMÕES, 2007: 93). Para os autores, “um problema com a categoria HSH é dissolver a questão da não-correspondência entre desejos, práticas e identidades numa formulação que recria a categoria universal “homem” com base na suposta estabilidade fundante do sexo biológico, ao mesmo tempo em que permite evocar as bem conhecidas representações da sexualidade masculina como inerentemente desregrada e perturbadora” (CARRARA e SIMÕES, 2007: 94, nota 35).

LOCALIZANDO OS CLUBES DE SEXO

Analisando a indústria do sexo na Espanha, Agustín busca definir de maneira inclusiva o que chama de “mercado do sexo”. Para ela,

“Este término incluye burdeles o casas de citas, clubes de alterne, ciertos bares, cervecerías, discotecas, cabarets y salones de cóctel, líneas telefónicas eróticas, sexo virtual por Internet, sex shops con cabinas privadas, muchas casas de masaje, de relax, del desarrollo del ‘bienestar físico’ y de sauna, servicios de acompañantes (*call girls*), unas agencias matrimoniales, muchos hoteles, pensiones y pisos, anuncios comerciales y semi-comerciales en periódicos y revistas y en formas pequeñas para pegar o dejar (como tarjetas), cines y revistas pornográficos, películas y videos en alquiler, restaurantes eróticos, servicios de dominación o sumisión (sodomismo) y prostitución callejera: una proliferación inmensa de posibles maneras de pagar una experiencia sexual o sensual” (Agustín, 2000)⁷

Essa é uma boa definição para se pensar o “mercado do sexo” em grandes metrópoles, como é o caso da cidade de São Paulo. Dentro desse, há um vasto e diversificado mercado voltado para pessoas que buscam sexo com outras do mesmo “sexo”, incluindo aí as pessoas que se definem como homens que buscam práticas sexuais com outros homens. Especificando mais ainda, é possível entrever uma gama de locais em que se paga uma entrada para, dentre outras coisas, buscar parceiros sexuais. Muitas boates e bares paulistanos contam com um espaço específico para o sexo (os chamados *dark-rooms*). Há também muitas saunas para homens, bem como bares que contam com cabines para o sexo, além dos cinemas-pornôs do centro da cidade.⁸ É aí que localizo os “clubes de sexo entre homens” que são o meu foco de investigação.

De acordo com os sujeitos com quem tenho dialogado, uma primeira característica que diferencia esses locais de outros espaços é que neles não há o que se poderia chamar de “sexo pago” ou de “prostituição”. Essa maneira de demarcar a diferença junto a outros locais, como saunas e cinemas, aparece nas páginas dos clubes na Internet. Esses locais surgiram

⁷ Devo a Larissa Pelúcio (UFSCAR) a indicação deste texto.

⁸ Os “cinemões” funcionam em casarões e prédios antigos, muitos deles onde antigamente já funcionavam cinemas para filmes não-pornôs. Ouvi em campo que esses locais eram “cinemas normais” antes do surgimento das grandes redes cinematográficas em shopping centers da cidade. Passam a ser cinemões depois disso.

recentemente em São Paulo. O primeiro deles, que chamarei aqui de “Clube B”, surgiu em meados dos anos 2000, na região do Largo do Arouche. De acordo com os sujeitos com quem tenho dialogado, que o freqüentavam naquele período, esse clube surgiu para abarcar um público interessado em fazer sexo com “um algo a mais”. E aí estaria uma segunda diferenciação em relação a outros espaços. Além da possibilidade do sexo casual (que já havia nas saunas e cinemas, por exemplo), o local tinha para muitos uma aura “fetichista” ou “*hardcore*”, propiciada pelo investimento em acessórios tais como correntes, camas coletivas e outros equipamentos “sodomasoquistas” (s/m)⁹, como algemas, vibradores de tamanhos variados e *slings* (uma espécie de cadeira suspensa, feita de couro, utilizada para a prática sexual anal penetrativa, seja pelo pênis, seja pelo punho ou por vibradores). Tudo isso em meio à pouca iluminação e à presença de um público diverso e interessado em sexo em várias nuances, incluindo adeptos da “cultura bdsm gay”¹⁰. Esse clube fechou cerca de dois anos depois de aberto e reabriu em outro espaço, na mesma região, mantendo o nome, os equipamentos, os acessórios e o título de “primeiro *sex club* aberto do Brasil”, como se pode observar tanto pelo *site* dele na Internet como pelos *flyers* que divulgam sua programação. Na sua esteira surgiram outros espaços similares. No local onde ele funcionava, abriu há um ano e nove meses outro clube, que chamarei aqui de “Clube N”. Trata-se de um local pequeno, pouco iluminado, onde se pode perceber uma tentativa de criação de um espaço fetichista inspirado nas fantasias de “trabalhadores” ou *working men*. Espalham-se pelos ambientes equipamentos e acessórios típicos de oficinas mecânicas, como calotas nas paredes, cones de trânsito e ferramentas diversas, tais como martelos, parafusos e chaves de fenda. Na área escura dos fundos do clube, que os freqüentadores apelidaram de “fundão”, uma escada mantém uma aljava, onde se pode amarrar e ser amarrado, em meio a camas coletivas.

Esses dois clubes estão no centro da cidade, no “circuito popular” dos locais para sexo entre homens, que inclui também os famosos cinemas pornô, boates e algumas saunas. Saindo do centro, em direção aos bairros de “classe média-alta”, onde Simões e França localizam circuitos compostos por um público “moderno”, sintonizado com padrões globalizados

9 S/m é uma abreviação para “sado-masquismo”. Essa sigla aparece em parte da bibliografia como designando jogos eróticos inspirados em fantasias de dominação e submissão (a esse respeito, ver GREGORI, 2004. Ver também MACCLINTOCK, 1994; 2003).

10 Segundo Zilli, na sigla BDSM o B designa o Bondage (Imobilização), sendo o par B & D para Bondage e Disciplina. O par D & S para Dominação e Submissão, e o par S & M para Sadismo e Masquismo, ou Sodomasquismo (Zilli, 2006). O BDSM envolveria ainda práticas ligadas ao Fetichismo. A referência ao BDSM gay surgiu em algumas conversas com adeptos e parece indicar uma tentativa de diferenciar, dentro do campo do bdsm, aqueles praticantes homens que se relacionam sexualmente com outros homens. Esse aspecto demanda mais investigações de minha parte.

associados à homossexualidade, além de boates e saunas (mas não “cinemões”), estão os outros dois clubes onde faço a pesquisa de campo. O “Clube G” fica na região do Shopping Frei Caneca. Logo na entrada, na sala onde ficam os armários, estátuas gregas pairam ao lado de mesas com revistas pornômas masculinas. Passando pelo bar, no salão principal, onde a luz é azulada, há sofás e camas coletivas. Uma porta dá acesso a um ambiente menor, mais escuro, onde há *slings*, uma cadeira ginecológica e uma maca de sanatório, estrategicamente localizada embaixo de uma luminária de luz fraca e amarelada, com tiras onde se pode amarrar e ser amarrado. Numa outra sala ao fundo do saguão principal, uma cadeira de dentista cercada por uma área com *glory holes* complementa a aura fetichista que evoca “prazer e perigo”. Já o “Clube X” se afirma em sua página da Internet como um clube privado, não aberto ao público em geral. Abriu pouco tempo depois do Clube B e atualmente funciona em outro local, num bairro de classe média alta. O *site* dele traz os roteiros das festas e encontros. Para ter acesso ao clube, é necessário obter aprovação por meio de um cadastro *on line*. Os participantes (ou os antropólogos que lá forem fazer sua pesquisa) devem, obrigatoriamente, concordar em não vestir nenhuma peça de roupa lá dentro, além dos calçados. Pode-se também optar pelo “*bottomless*” (sem a “parte de baixo” da roupa). Isso faz juz ao *slogan* do local, anunciado em sua página como o “1º bar naturista indoors”. Esse é um diferencial em relação aos outros clubes, onde é permitido ficar de cueca. No Clube X, isso só é possível na “Festa da Cueca”, que ocorre periodicamente. Os temas das festas são variados, envolvendo uma série de “fetiches” gays¹¹.

O que há de comum entre todos esses espaços é limitar o acesso a homens. Mulheres não entram. Travestis ou transexuais, a princípio, também não.¹² Ouvei em campo que é

11 Na primeira vez em que estive lá, convidado pelo principal organizador dos encontros de “BDSM gay” e de “gays leathers” (termos dele) da cidade, tratava-se de uma festa de “mascarados” (a única peça de roupa permitida eram máscaras fornecidas na entrada). Assim, há festas “estudantinas”, para rapazes mais novos; “*Boots*”, que tem a ver com uniformes, especialmente militares; “Paizão”, em que rapazes mais novos realizam trocas eróticas com homens mais velhos; Há também festas mais sintonizadas com o s/m, bem como um espaço especialmente criado para o exercício de práticas s/m, dentro do clube (que conta, por exemplo, *slings*). Há uma série de itens que devem ser preenchidos para que um homem interessado possa ser membro dele: cadastrar-se (via site); ter uma aparência e uma atitude “masculina”; ter o peso proporcional à altura; ter entre 18 e 55 anos; ser “resolvido” e “open minded” - que, segundo alguns sujeitos de pesquisa, significaria não se restringir a fazer sexo com só um parceiro durante a festa, não fazer “carão”, nem “bancar o difícil”, estar, enfim, disposto *mesmo* a fazer sexo. Muito embora a consensualidade seja valorizada por meio da regra de que “não é não”. A consensualidade vem da sigla SSC – são, seguro e consensual ou consentido -, utilizada por adeptos/as como referência às práticas do BDSM (ver Zilli, 2006).

12 Cheguei a conversar a esse respeito em campo. Um funcionário de um dos clubes comentou que não seria necessário proibir a entrada de travestis ou transexuais, pois elas mesmas não se sentiriam “à vontade” lá dentro, onde não encontrariam “público para elas”. Contudo, o que me intriga é que ele próprio me contou que certa vez uma travesti que ele descreveu como tendo “cara de novinha” e “magrinha” entrou lá num dia à tarde e, para surpresa dele,

impensável, por exemplo, para quem frequenta ou gerencia esses espaços imaginar a performance de uma *drag-queen* ou a presença de *gogo-boys* nesses locais. Creio que exista nos clubes uma valorização da “discrição”, que transparece desde a decoração dos espaços, do tipo de música ambiente, passando pelos temas das festas promovidas. Essa discrição pode significar em alguns momentos a valorização do anonimato, como no anúncio de uma festa de Máscaras num dos clubes com o sugestivo nome de “*Incognitus*”. Ser “discreto” também pode significar, em determinados contextos e para algumas pessoas, “fora do meio” (no caso, *gay*). O proprietário de um dos clubes me contou que boa parte dos frequentadores valoriza a discrição como possibilidade de anonimato, por diversos motivos.¹³ São os frequentadores “ilícitos”, como ele brinca. Outra característica comum aos clubes parece ser, então, a fuga de possíveis associações entre esses espaços e outros ambientes declaradamente *gays*.

Tenho em mente que as fronteiras entre as manchas homossexuais do “Centro” e dos “Jardins” são muitas vezes fluidas, permitindo a circulação de símbolos, estilos e pessoas (ver SIMÕES E FRANÇA, 2005). Contudo, elas permanecem construindo os sentidos e permeando a experiência de quem circula por tais circuitos, promovendo inclusive a criação de uma série de diferenciações simbólicas entre os clubes que pesquiso e seu público.

“ESTRELAS NA BOCA DO LIXO”

GVA é um dos sujeitos dessa pesquisa, que conheci certa vez no Clube X. Ele é branco, tem 32 anos e é frequentador assíduo dos clubes de sexo de São Paulo, especialmente dos que ficam no “circuito GLS moderno”. Reproduzo aqui um trecho de uma de nossas conversas por MSN, que trago aqui levemente editada para facilitar a leitura:

GVA diz:

eu tô descobrindo algumas coisas , o que atrai os outros...

Antropólogo diz:

então me conta tudo que você tem descoberto.

“foi para os fundos do clube, se agachou lá, fez sexo oral em todos os presentes”. Esse teria sido, contudo, um episódio “único”.

¹³ Ele me disse, por exemplo, que boa parte dos frequentadores do clube não assume fora dali as suas preferências erótico-sexuais. Outros seriam comprometidos, seja com mulheres, seja com outros homens. No segundo caso, haveria aqueles cuja relação é “aberta”, possibilitando relações sexuais com outras pessoas. Mas haveria aqueles cuja relação é “fechada”, o que significa que o acordo entre os parceiros implica na monogamia. Esses homens, para ele, prezam locais “discretos” e buscam parceiros que, como eles, valorizem ou lhes garantam a “discrição” e o sigilo. Daí viria para ele a desvalorização, nos clubes, daqueles que são “do meio” *gay*, “assumidos”, bem como daqueles considerados “afeminados”, “afetados”.

GVA diz:

mas não entendi ainda o eu faço pra atrair alguns outros

Antropólogo diz:

tipo?

GVA diz:

sei lá, não me considero macho...mas não sou gayzinho...sou peludo...sei lá...meu corpo é interessante,mas não é um fenômeno...

Antropólogo diz:

e o que isso tá te levando a pensar? Você me disse que tem descoberto coisas...?

GVA diz:

todos gostam de um forte nesses clubes. Tô me baseando no Clube X somente, porque o Clube B é outra coisa.

Antropólogo diz:

como assim?

GVA diz:

O Clube B é outra coisa...eu raramente fazia sexo no Clube B. Eu esperava um tipo moleque largado pra eu curtir,mas as coisas que fazem lá me dá nojo...o cheiro, aff...

Antropólogo diz:

tipo?

GVA:

e acho melhor não ser estrelinha na boca do lixo...aqueles gordos se pegando...

Antropólogo diz:

hum...mas você conhece alguém que curte ir lá para ser estrelinha na boca do lixo?

GVA diz:

hahahaha...vai ver eu mesmo”.

[Conversa por MSN, na madrugada de 06 para 07/08/07]

O “Clube B” freqüentemente aparece nas conversas que tenho estabelecido com freqüentadores de outros clubes de sexo como um lugar “decadente”, sujo, mal freqüentado. Seu período de “glória” teria passado, cedendo o espaço para os demais (incluindo o Clube N, que embora também fique no Centro, é visto como mais limpo e organizado). Um dos motivos apontados é que lá não haveria “gente bonita”, “que se cuida”. Muitos me dizem que lá não encontram um público “desejável”, mas apenas “gente velha”, “feia”, “desinteressante”. Muitas pessoas com quem tenho conversado que afirmam preferir os Clubes X e G (que não estão no centro da cidade), onde encontram homens “desejáveis” ou iguais a eles próprios, dizem que esses são locais selecionam o público “pelo preço”. Não é banal que os clubes localizados na

região central, com preços de entrada mais acessíveis, sejam tomados como “decadentes”. Talvez a polarização entre os clubes a partir da região da cidade onde estão localizados (ou do circuito GLS a que estão associados) e as representações acerca das diferenças entre o público que os frequenta me ajudem a entender melhor distinções no mapa de hierarquizações contextuais que venho tentando perceber a respeito desses espaços e de seus sujeitos. Nesse sentido, o pensamento de inspiração antropológico-feminista contemporâneo, que toma a diferença como categoria analítica (Moore, 1996) e aponta a necessidade de pensar a intersecção entre diversos marcadores na produção contextual e relacional das subjetividades (Brah, 1996), me indica que o meu olhar sobre esse universo de práticas deve ser necessariamente interseccional.

QUESTÕES, TABUS, INQUIETAÇÕES

Qual é meu propósito ao decidir estudar os clubes de sexo? De onde vem meu interesse? Onde pretendo chegar? Colocada dessa maneira, a curiosidade em torno de minha pesquisa torna-se instigante e produtiva.

Pensando na existência de uma matriz de inteligibilidade cultural hegemônica (BUTLER, 2003), que opera por meio da reiteração de normas que estabelecem a coerência dos corpos e por meio das quais os sujeitos “vêm a ser”, talvez o universo de práticas e espaços que venho estudando possa ser descrito como exemplar de discontinuidades, uma vez que rompe com a coerência estável entre sexo, gênero, desejo e materialidade corpórea. De certa forma, esses homens seriam “corpos abjetos” dentro de uma matriz heteronormativa (BUTLER, 2002). O abjeto designa, para Butler, aquelas “zonas invivíveis”, “inabitáveis” da vida social “*que, sem dúvida, estão densamente povoadas pelos que gozam da hierarquia dos sujeitos, mas cuja condição de viver sob o signo do “invivível” é necessária para circunscrever a esfera dos sujeitos*” (BUTLER, 2002: pp. 19-20). A inteligibilidade não deve ser tomada, aqui, como um campo fechado ou um sistema com fronteiras finitas. É um campo aberto. A prática social seria constituída por atos repetidos que se instituem como normatividades quando encobrem seus efeitos. Sendo um campo em aberto, nas margens se encontram os “sujeitos” excluídos. E eles ajudam a entender o que seria a norma¹⁴. Pensar em abjeção em relação a uma matriz cultural hegemônica não significa, contudo, que não possamos pensar na criação de “matrizes alternativas” de inteligibilidade, nas quais a “coerência” seria dada por outros modos de arranjo entre categorias diversas. O fato de que os universos metropolitanos de pessoas que se

14 A autora se inspira aqui na leitura que Kristeva faz das idéias de Mary Douglas (DOUGLAS, 1976) para a constituição da idéia de abjeção. Os corpos que “não são” tornam-se importantes para se entender as normas que constituem as subjetividades possíveis ou inteligíveis (os corpos que “são”). Ver em KRISTEVA, 1982.

relacionam afetivo-sexualmente com outras do mesmo “sexo” criam em seu interior formas próprias de “inserção” e “abjeção” é algo que vem sendo apontado em estudos contemporâneos realizados em São Paulo¹⁵. A questão que norteia minha pesquisa é saber como convenções relativas a uma série de marcadores de diferença (tais como os de gênero, sexo, sexualidade, classe, raça, idade e posições sexuais) são atualizadas por esses homens, levando à possível criação processual de matrizes alternativas de inteligibilidade de corpos, prazeres, desejos, práticas sexuais e sujeitos. Para ilustrar a análise, trago a seguir um pequeno trecho de meu diário de campo, referente a uma de minhas idas ao Clube X. Era uma festa de “Mascarados”, ocorrida em junho deste ano, no final de semana da Parada GLBT de São Paulo.

“Nos clubes de sexo, são todos “machos”. Ao menos, teoricamente. Mas o que isso me “diz”? Homens que preferem outros com “jeito de homem”, não “afetados”, não “afeminados”. Quanto mais “masculino”, porque menos “viado” ou “bicha”, mais sucesso se terá no clube. Maior será o assédio. Essa masculinidade é *performatizada*. Repetidamente. Segundo alguém com quem conversei, não importa se o cara é masculino ou não fora dali: lá dentro todo mundo “faz a linha de macho”. Mas a questão é que não se trata apenas de aparentar masculinidade. Alguém que não é tão “machão”, mas que é alto, bonito, chama a atenção também. Se ele, além disso, for forte, musculoso, “sarado”, vai ter mais gente ainda. Se além de alto, forte, bonito, bem cuidado (um exemplo são os pêlos corporais – alguém “que se cuida” os mantém aparados), ele for bem dotado, quase todo mundo vai atrás dele. E se além de alto, forte, bonito, bem cuidado, jovem e bem dotado ele ainda por cima tiver uma postura (jeito de andar, de falar) masculina e for “ativo comedor”, com certeza ele estará de pé, em cima da cama coletiva, com sete ou oito homens agachados em sua volta, a seus pés. Eu vi isso lá hoje”.

Em outro trabalho, levantei a hipótese de que a produção do “macho” como sujeito/objeto de desejo é um dos elementos da materialização dos corpos e da produção das subjetividades nos contextos dessa pesquisa (BRAZ, 2007a). Afirmei, ainda, que por mais questionável que seja do ponto de vista das hierarquias que coloca, a hiper-valorização da masculinidade ou a criação discursiva do “macho” como sujeito/objeto de desejo entre esses

15 Ver, por exemplo, SIMÕES, 2004; SIMÕES e FRANÇA, 2005; e FACCHINI, 2006. Vale salientar que os chamados *queer studies* tratam há tempos dessa questão.

homens (e de um macho que não perde sua “macheza” ao ser penetrado) pode ser lida como rearticulação ou deslocamento de convenções relativas a sexo, gênero e desejo que comporiam a matriz heteronormativa culturalmente hegemônica (BUTLER, 2003). Por outro lado, implica na criação de novos modos de hierarquização e de inteligibilidade, evidenciados pela construção discursiva de uma corporalidade desejante e desejável. Essa hiper-masculinidade não só é reiterada e “performatizada”, mas também corporificada, “*embodied*”, instituindo a partir daí modos particulares de relação social (ver BRAZ, 2007b). O interesse é, então, pensar nos “corpos desejáveis” para se começar a entender os “sujeitos possíveis”, inteligíveis contextualmente.

Para refletir sobre este último ponto, à luz de alguns dados de campo, passei a pensar sobre o modo como o corpo (meu e dos outros) é percebido nesses espaços, permitindo um olhar sobre as convenções que regem a corporalidade desejável e desejante dentro deles (BRAZ, 2007b). Csordas afirma que o corpo pode ser construído ao mesmo tempo como fonte de representações e como fundamento do “estar-no-mundo” (CSORDAS, 1999). Isso significa manter em mente a possibilidade de que a representação pode ser entendida como constitutiva da experiência e da realidade enquanto textos. O corpo pode não só ser visto como um objeto sobre o qual a cultura opera, mas também como o local das percepções, a partir das quais a cultura “vem a ser”. A proposta de Csordas é que o corpo possa ser tomado como uma ferramenta de pesquisa. Nesse sentido, a experiência corporal (por que sobretudo perceptiva) não só dos sujeitos estudados, mas também do/a antropólogo/a, pode ser alçada à categoria de método de pesquisa.¹⁶ Não se trata aqui de jogar fora a possibilidade do distanciamento, nem de “virar nativo”. Mas de levar em conta o quanto a realidade estudada pode ser incorporada não só nos sujeitos da pesquisa, mas no/a próprio/a pesquisador/a. É por isso que, em campo, tanto a observação da nudez alheia quanto a experiência da minha própria nudez permitem um olhar sobre as convenções que regem a corporalidade desejável e desejante nos espaços em que faço a pesquisa (Braz, 2007b).

Quando vou a um clube, fico atento para tentar perceber quem é mais ou menos olhado, paquerado, assediado. E quem é “deixado de lado”. Isso inclui a mim mesmo. Em campo, seja nos clubes, seja na Internet (no Orkut, no MSN), muitas vezes as pessoas com quem converso utilizam (meu corpo, minha foto) para exemplificar seja o que lhes atrai, seja o que lhes repele. Algumas vezes, minha corporalidade (ou minha foto) corresponde ao que se consideraria desejável. Outras vezes, não. De qualquer modo, uma maneira de perceber a produção discursiva e contextual dos sujeitos/objetos de desejo nesses clubes talvez seja tentar entender a

¹⁶ Cabe lembrar que tal perspectiva não é novidade nas ciências sociais e está presente, por exemplo, nos trabalhos de WACQUANT (2002), CSORDAS (1999) e ALMEIDA (1996). Ver também BRAZ (2006).

partir de quais parâmetros meu próprio corpo se torna, neles, inteligível. É a isso que busco me referir quando aludo ao corpo como metodologia de pesquisa.

CONSIDERAÇÕES FINAIS: TABUS E ETNOGRAFIAS IMPRÓPRIAS

A pesquisa antropológica tem sido repensada nas últimas décadas a partir do questionamento de paradigmas que afirmavam a necessidade do distanciamento e da objetividade para a obtenção de resultados ditos científicos. Maneiras diversas para escapar a esses dilemas envolvem desde a indagação da autoridade etnográfica, bem como do comportamento dos/as antropólogos/as em campo, até reflexões sobre os modos de interpretação das realidades estudadas. Pesquisas realizadas no campo da sexualidade demandam reflexões acerca dessa temática, ainda mais quando se trata de indagar sobre o campo do sexo, ou o sexo no campo. Meu objetivo aqui foi pensar nessas questões a partir da pesquisa que venho fazendo em clubes de sexo para homens em São Paulo, tendo como ponto de partida as expectativas criadas (seja sobre mim, seja sobre os sujeitos do estudo) a partir de minha presença nesses locais enquanto antropólogo.

A temática do sexo está longe de ser um tabu na Antropologia, estando presente desde os textos clássicos, como a etnografia de Malinowski a respeito da “vida sexual dos selvagens”, de 1929. A questão é que se durante várias décadas a disciplina preocupou-se com o sexo “dos outros”, os/as antropólogos/as não falavam, em seus textos, nem sobre sua própria sexualidade, nem sobre suas possíveis experiências erótico-sexuais em campo (KULICK, 1995). Se o paradigma da “reflexividade” e o interpretativismo de meados da década de 1980 em Antropologia trouxeram uma virada teórica que permitiu aos/as antropólogos/as, ao mesmo tempo, criticar a “autoridade etnográfica” como sendo calcada no mito da objetividade científica, e questionar a invisibilidade do/a pesquisador/a no texto antropológico, não quebrou o silêncio em torno da “subjetividade erótica” do/a pesquisador/a, que permanecia, no texto, celibatário/a (KULICK, 1995). Kulick chama esse tabu de “silêncio disciplinar”, que seria um dos modos pelos quais os/as antropólogos/as evitam confrontar questões relativas a posicionalidade, hierarquia, exploração e racismo em seus trabalhos de campo. Poderíamos decerto acrescentar outros “ismos” e “ías” a essa lista.

Concordo com Kulick quando afirma que o desejo no campo pode ser um dos modos por meio dos quais os/as antropólogos/as se percebem sabidamente posicionados e parciais e que isso pode ser muito produtivo. E esse é o caso independente de o “agente desejante” ser o antropólogo ou outra pessoa no campo (KULICK, 1995). Por princípio, meu interesse é construir uma interpretação antropológica dos clubes de sexo entre homens em São Paulo, da sociabilidade presente nesses espaços e de seus sujeitos. Para isso, a meu ver, não bastam

leituras de textos acadêmicos a respeito de gênero, sexualidade e práticas eróticas consideradas “dissidentes”. Faz-se necessária uma pesquisa de caráter etnográfico, o que implica que eu esteja em campo, procurando estabelecer relações e diálogos com os sujeitos dessa pesquisa, seja nos clubes, seja na internet. Muitas vezes, o meu corpo acaba se tornando uma metodologia de pesquisa. Isso não quer dizer que eu deva ou vá me engajar em atividades sexuais nos clubes. Até porque existe nesse caso a questão da escolha, que não necessariamente precisar estar calcada numa suposta “ética antropológica”, mas sobretudo na minha falta de vontade (pessoal) em fazê-lo. O que a experiência corporal enquanto método implica é que eu esteja atento ao modo como sou percebido nesses espaços e reconheça que, a despeito de minha própria vontade, não sou invisível nos clubes e minha relação com esses sujeitos estará, algumas vezes, permeada pelas expectativas criadas sobre mim quando estou em campo. E também pelas expectativas que eu próprio crio sobre esses sujeitos em campo. Essas expectativas me “dizem” algo sobre esses clubes e me ajudam a construir, no texto, uma interpretação antropológica deles, ou seja, uma tradução desse universo para termos antropológicos.

AGRADECIMENTOS

Agradeço muito pelas discussões e leituras que venho fazendo junto a minha orientadora, professoras/es, colegas do doutorado e do Grupo de Estudos de Gênero do Pagu, coordenado pela professora Iara Beleli (PAGU). Agradeço também às leituras, sugestões e ao apoio que tenho recebido das professoras Adriana Piscitelli e Mariza Correa (PAGU/ÚNICAMP), bem como do professor Júlio Simões (USP).

REFERÊNCIAS

AUGUSTÍN, Laura M. Trabajar em la industria del sexo. In: OFRIM/Suplementos, junho. Madrid: 2000, PP. 155-72 (retirado de http://www.nodo50.org/mujeresred/laura_agustin-1.html).

BRAH, Avtar. Diferença, Diversidade, Diferenciação. In: *cadernos pagu* (26), Núcleo de Estudos de Gênero – Pagu/Unicamp, 2006.

BRAZ, Camilo Albuquerque de. *Além da Pele – um olhar antropológico sobre a body-modification em São Paulo*. Dissertação de Mestrado, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Campinas, Unicamp, 2006.

_____, Macho versus Macho um olhar antropológico sobre práticas homoeróticas entre homens em São Paulo. In: *cadernos pagu* (28), Núcleo de Estudos de Gênero – Pagu/Unicamp, 2007a, p. 175-206.

_____, Nem Toda Nudez Será Castigada - sexo, fetiche e s/m entre homens em São Paulo. In: *Ponto.Urbe* (01), Núcleo de Antropologia Urbana (NAU)/USP, 2007b (<http://www.n-a-u.org/Albuquerque2007.html>).

KULICK, Don. Introduction. The sexual life of anthropologists: erotic subjectivity and ethnographic work. In: Kulick, Don; Willson, Margaret. *Taboo – Sex, identity, and erotic subjectivity in anthropological fieldwork*. London and New York, Routledge, pp. 01-28.

BUTLER, Judith. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2003.

_____. *Cuerpos que importan – Sobre os límites materiales y discursivos del “sexo”*. Buenos Aires/Barcelona, México: Paidós, 2002.

CARRARA, Sérgio e SIMÕES, Júlio. Sexualidade, cultura e política: a trajetória da identidade homossexual masculina na antropologia brasileira. In: *cadernos pagu* (28), Núcleo de Estudos de Gênero – Pagu/Unicamp, 2007, p. 65-99.

CITELI, Maria Teresa. *A pesquisa sobre sexualidade e direitos sexuais no Brasil (1990-2002): revisão crítica*. Rio de Janeiro, CEPESC, 2005.

DOUGLAS, Mary. *Pureza e Perigo*. São Paulo, Perspectivas, 1976.

FACCHINI, Regina. Regina. Entrecruzando diferenças: corporalidade e identidade entre mulheres com práticas homoeróticas na Grande São Paulo. Comunicação apresentada na 25ª. *RBA – Reunião Brasileira de Antropologia*, Goiânia, 2006.

FRANÇA, Isadora Lins. Cercas e pontes. O movimento GLBT e o mercado GLS na cidade de São Paulo. Dissertação de mestrado, Antropologia Social, USP, 2006.

_____, Sobre “guetos” e “rótulos”: tensões no mercado GLS na cidade de São Paulo. In: *cadernos pagu* (28), Núcleo de Estudos de Gênero Pagu/Unicamp, 2007.

GREGORI, Maria Filomena. Prazer e Perigo: notas sobre feminismo, sex-shops e s/m. In: PISCITELLI *et alii.* (orgs.) *Sexualidade e Saberes: Convenções e Fronteiras*. Rio de Janeiro, Garamond Universitária, 2004.

KRISTEVA, Julia. From Filth to Defilement. In: *Powers of Horror – an essay on abjection*. New York, Columbia University Press, 1982.

MACCLINTOCK, Anne. Couro Imperial – Raça, travestismo e o culto da domesticidade. *cadernos pagu* (20), Núcleo de Estudos de Gênero – Pagu/Unicamp, 2003.

_____. Maid to Order – Commercial S/M and gender power. In: GIBSON, Pamela; GIBSON, Roma. *Dirty Looks – Women, pornography, power*. London, BFI Publishing, 1994.

MAGNANI, J. Guilherme e TORRES, Lilian. *Na metrópole: textos de antropologia urbana*. São Paulo, Edusp/Fapesp, 2000.

MOORE, Henrietta. Understanding sex and gender. In: INGOLD, Tim. (ed.) *Companion Encyclopedia of Anthropology*. Londres, Routledge, 1997.

PERLONGHER, Nestor. Territórios Marginais. In: Green, J. e Trindade, R. (orgs.). *Homossexualismo em São Paulo e outros escritos*. São Paulo: Ed. da Unesp, 2005.

SIMÕES, Júlio Assis. Homossexualidade Masculina e Curso da Vida: pensando idades e identidades sexuais. PISCITELLI *et alii*. (orgs.) *Sexualidade e Saberes: Convenções e Fronteiras*. Rio de Janeiro, Garamond Universitária, 2004.

_____ e FRANÇA, Isadora Lins. Do Gueto ao mercado. In: GREEN, James Naylor; TRINDADE, Ronaldo. (orgs.) *Homossexualismo em São Paulo e outros escritos*. São Paulo, Editora Unesp, 2005.

VIANNA, Adriana e LACERDA, Paula. *Direitos e políticas sexuais no Brasil: o panorama atual*. Rio de Janeiro, CEPESC, 2004.

ZILLI, Bruno Dallacort. O Perverso Domesticado: da patologia à diversidade sexual num estudo sobre o discurso “BDSM” na internet. *30º Encontro Anual da Anpocs* (CD-ROM), Caxambu, 2006.